Encontros Teológicos adere a uma Licença Creative Commons – Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

O tríplice sentido da Sagrada Escritura em Orígenes: proposta de um itinerário espiritual

The triple sense of the Holy Scriptures in Origens: proposal a spiritual itinerary

*Francisco Erlânio Gomes Ribeiro**

Recebido em: *19/05/2020*. Aceito em: *04/06/2020*.

Resumo: *Orígenes de Alexandria (185-254 d.C.) figura na antiguidade cristã como um eminente estudioso da Sagrada Escritura, como se verifica em seus numerosos comentários e homilias ao texto sagrado. Situado no ambiente cultural alexandrino, nosso autor fez uso dos recursos da época para estudar a Sagrada Escritura, sendo o filológico o mais comum. Havia, portanto, da parte de Orígenes, um cuidado com a literalidade do texto bíblico. Junto ao sentido literal, nosso autor desenvolveu um sentido moral e espiritual da Escritura. Por sentido moral ele entendia a ação transformadora da Palavra de Deus na vida cristã. Através do estudo do texto sagrado, é operada uma transformação qualitativa na vida do crente situando, desse modo, o agir cristão numa instância ética. O terceiro momento desse itinerário é denominado espiritual ou místico. O leitor, tendo transposto o "corpo" e "a alma" da Escritura, adentra no "espírito" da Palavra, ou seja, passa a participar, com intensidade, da vida do Verbo de Deus. Neste artigo, a experiência pessoal de Orígenes, a tríplice via da leitura da Palavra de Deus e o itinerário espiritual origeniano imbricam-se mutuamente.*

Palavras-chave: *Orígenes de Alexandria. Sagrada Escritura. Espiritualidade.*

Abstract: *Origen of Alexandria (185-254 d.C.) appears in Christian antiquity as an eminent scholar of Sacred Scripture, as can be seen in his numerous comments and homilies on the sacred text. Located in the Alexandrian cultural environment, our author used the resources of the time to study Sacred Scripture, the philological being the most common. There was, therefore, on Origen's part, a care with the literalness of the biblical text. Along with the literal meaning, our author developed a moral and spiritual sense of Scripture. By moral sense*

* Mestre em Teologia (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, 2019). Graduado em Filosofia (Faculdade de São Bento de São Paulo, FSB-SP, 2012). Graduado em Teologia (Faculdade de São Bento de São Paulo, FSB-SP, 2015).

E-mail: freierlanio@yahoo.com.br

he understood the transforming action of the Word of God in the Christian life. Through the study of the sacred text, a qualitative transformation takes place in the life of the believer, thus placing Christian action in an ethical instance.

The third moment of this itinerary is denominated spiritual or mystical. The reader, having transposed the "body" and "the soul" of Scripture, enters into the "spirit" of the Word, that is, he starts to participate, with intensity, in the life of the Word of God. In this article, Origen's personal experience, the threefold way of reading the Word of God and the Origenian spiritual itinerary intertwine with each other.

Keywords: *Origen of Alexandria. Sacred Scripture. Spirituality.*

Introdução

Orígenes de Alexandria (185-254 d.C.) despontou no cenário cultural de Alexandria como um verdadeiro intelectual. Nascido num ambiente profundamente marcado pela busca do saber, em especial, o filosófico, Orígenes foi, desde tenra idade, introduzido ao conhecimento das letras por seu pai Leônidas. Do pai recebeu não apenas o amor às letras, mas o exemplo de radicalidade cristã. Com efeito, Orígenes carregou, durante toda a vida, a exemplaridade dos mártires de seu tempo.

A centralidade da Palavra de Deus na vida de nosso autor é expressa pela vastíssima produção de estudos do texto bíblico, destacando-se os Comentários e as Homilias. O método origeniano de ler a Escritura é nomeado tríplice. Para ele o texto bíblico deve ser abordado em seu sentido literal, moral e espiritual. O sentido literal é o corpo do texto. Nessa etapa, o leitor não deve buscar interpretações, mas, considerar apenas a literalidade do texto, o recurso linguístico é importante nesse primeiro momento. O sentido moral é a alma do texto. O texto estudado deve ressoar na alma do ouvinte ou do leitor e levá-lo ao aperfeiçoamento da vida cristã. Em terceiro lugar, é preciso buscar o sentido espiritual ou místico da Escritura. Essa etapa do conhecimento da Escritura é marcada pelo contato espiritual com a Palavra, ou seja, com o Verbo de Deus.

É preciso observar que o método tríplice de ler a Escritura não é compartimentado nem estático, mas dinâmico, pois, para Orígenes, toda a Escritura está habitada pelo Espírito Santo, seu inspirador. Notemos, ademais, que nosso autor usa categorias antropológicas (corpo, alma e espírito) em seu tríplice método. Com isso, ele quer indicar que todos, dos mais simples aos mais perfeitos, podem avançar no conhecimento amoroso de Deus.

Segundo Werner Jaeger: "Orígenes é uma mente complexa. É perfeitamente capaz de ler sua Bíblia como uma criança e desfrutar dela na

simplicidade de um coração humilde, como podemos constatar quando ele, lendo seus sermões, fala ao povo mais simples sem fazer muito uso da erudição".[1] Essa necessidade de comunicar a Palavra de Deus, por meio da pregação e/ou da escrita, manifesta a ardência amorosa do mestre alexandrino que foi tocado pela Palavra. Ele deseja que todos possam conhecer a Palavra que, para além do texto escrito, é a experiência, na ordem do amor e do conhecimento, do Verbo de Deus.

1 Orígenes e a centralidade da Palavra de Deus

Orígenes de Alexandria (185-254 d.C.) é considerado, juntamente com São Jerônimo (347-420 d.C.), um dos maiores estudiosos da Sagrada Escritura da Antiguidade Cristã. No livro sexto da *História Eclesiástica*, Eusébio de Cesareia (265-339 d.C.) afirma que ao menino Orígenes não era suficiente o conhecimento simples e óbvio da Sagrada Escritura, mas, que era necessário conhecê-la em profundidade.[2]

Junto à formação filosófica, Orígenes recebeu, já na infância, uma sólida formação na Sagrada Escritura, conforme incentivo do pai: "[...] ele já havia lançado sólidos fundamentos no conhecimento da fé, exercitando-se desde a infância nas divinas Escrituras [...] já não lhe bastava conhecer o sentido simples e óbvio das Escrituras sagradas, mas já procurava, desde aquela ocasião, algo mais, querendo descobrir uma visão mais profunda".[3] Essa inquietação pelo conhecimento "mais profundo" do texto sagrado acompanhará Orígenes ao longo da vida e resultará numa produção abundante sobre os livros da Escritura. Em Alexandria, a convite do bispo Demétrio, exerceu, durante muitos anos, a função de catequista, o que requeria um sólido conhecimento da Sagrada Escritura.

Orígenes foi introduzido pelo pai na arte literária, o que supunha o conhecimento da literatura e da filosofia gregas. Também lhe foi ensinado, desde criança, a Sagrada Escritura, já que seu pai era cristão. Ao assumir a escola catequética de Alexandria, Orígenes acompanhou os catecúmenos e atraiu muitos pagãos em razão de seu conhecimento

1 JAEGER, Werner. *Cristianismo primitivo e paideia grega.* Tradução Daniel da Costa. Santo André: Academia Cristã, 2014. p. 65.

2 EUSÉBIO DE CESAREIA. História Eclesiástica VI, 2,7-9. *História Eclesiástica.* Tradução de Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000. p. 281.

3 EUSÉBIO DE CESAREIA, 2000, VI, 2, 7-9.

filosófico. Eusébio afirma que ele, não sendo capaz de unir o estudo aprofundado das Sagradas Letras e o ensino da catequese por causa da multidão que o procurava, não restando tempo nem para respirar, escolheu Héraclas, discípulo eloquente e experiente em filosofia, para ensinar aos principiantes, reservando para si a instrução dos mais adiantados.

O mesmo autor escreve que Orígenes tornou-se célebre entre homens cultos que "procuravam-no para junto dele adquirir experiência relativa às doutrinas sagradas. Inúmeros hereges e filósofos dos mais célebres aderiam a ele zelosamente, a fim de aprender não somente a teologia, mas ainda a filosofia profana".[4] Os mais avançados eram introduzidos nas disciplinas filosóficas, na geometria, na aritmética, nos diversos sistemas filosóficos, "de sorte que os próprios gregos proclamavam-no grande filósofo".[5] Os menos dotados eram conduzidos ao estudo das ciências em geral, das disciplinas profanas e filosóficas, úteis à compreensão das Escrituras.[6]

A grande estima que gozava Orígenes em Alexandria era, em parte, por causa de sua mente brilhante, mas, também, é preciso observar que seu conhecimento filosófico-literário foi colocado ao serviço do estudo da Sagrada Escritura. Ademais, o intelectual Orígenes via-se, antes de tudo, como um cristão fervoroso que buscava corresponder às exigências de uma comunidade marcada pelo testemunho dos mártires. Há de se recordar que seu pai e vários amigos próximos foram martirizados o que lhe infundiu uma veneração pelo martírio que o acompanhou durante toda a vida. A propósito dessa radicalidade cristã escreveu Eusébio de Cesareia: "Dele (de Orígenes) se dizia: *sua palavra é tal qual sua vida; e sua vida corresponde à sua palavra*. Por esta razão, sobretudo, pelo poder de Deus que o sustentava, ele conduzia milhares a idêntico zelo".[7]

A ascese abraçada por Orígenes tem sua razão de ser no contexto do martírio cristão de sua época. Não sofrendo o martírio físico, o mestre alexandrino cultivou os ideais cristãos do desprendimento, da pobreza voluntária, da abstinência sexual, do estudo e da meditação da Sagrada Escritura. Elementos esses que serão característicos do monacato cristão primitivo, em especial, no Egito, onde as ideias de Orígenes, às vezes com

4 EUSÉBIO DE CESAREIA, 2000, VI, 18, 2.

5 EUSÉBIO DE CESAREIA, 2000, VI, 18, 3.

6 EUSÉBIO DE CESAREIA, 2000, VI, 18, 4.

7 EUSÉBIO DE CESAREIA, 2000, VI, 3, 7.

outra roupagem, foram acolhidas por numerosos monges. Assim descreveu Eusébio de Cesareia as práticas ascéticas do impetuoso Orígenes:

> *Durante o dia inteiro, fazia grandes trabalhos de ascese e, a maior parte da noite, dava-se ao estudo das Escrituras divinas, entregando-se assim a uma vida tão filosófica quanto possível, ora pelo exercício de jejuns, ora por estrita medida no tempo de sono, e cuidando de dormir não sobre uma esteira, mas estendido no chão. Pensava, acima de tudo, que deviam ser observadas as palavras evangélicas do Salvador que recomendam não possuir duas vestes, não usar sandálias (cf. Mt 10, 10; Lc 10, 4), e também aquelas que ordenam não viver preocupado com o futuro (cf. Mt 6, 34). Com o ardor acima de sua idade, persistia em viver no frio e na nudez (cf. 2Cor 11,27). Conta-se até que, durante vários anos, andou descalço, sem jamais usar sandálias; que, durante longos anos, absteve-se de vinho e de tudo que não fosse indispensável para se nutrir, de sorte que incorreu no risco de cair doente e de moléstia do peito.*[8]

Em audiência dedicada a Orígenes, Bento XVI qualificou de *mudança irreversível* sua contribuição à teologia cristã. Ademais, seu raio de interesse abrangeu a apologética, a ascética, o dogma, a exegese e a mística, o que constituiu um avanço na compreensão da Escritura e da doutrina cristã:

> *Essa mudança irreversível corresponde substancialmente à fundação da teologia na explicação das Escrituras. Fazer teologia era para ele essencialmente explicar, compreender a Escritura; ou poderíamos dizer também que a sua teologia é a perfeita simbiose entre teologia e exegese. Na verdade, a característica da doutrina encontra-se no incessante convite a passar da letra ao espírito das Escrituras para progredir no conhecimento de Deus".*[9]

2 A Hermenêutica Bíblica Origeniana

No livro quarto do *Tratado sobre os princípios* o mestre alexandrino discorre diretamente sobre a Sagrada Escritura estabelecendo, em primeiro lugar, sua inspiração divina e um método (caminho) para seu proveito moral e espiritual. A confirmação da inspiração divina do texto

8 EUSÉBIO DE CESAREIA, 2000, VI, 3, 9-12.

9 BENTO XVI. *Orígenes:* vida e obra. Audiência Geral de 25 de abril de 2007. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences>. Acesso em: 6 maio 2020.

sagrado é dada, segundo Orígenes, pela acolhida do ensinamento de Moisés (Antigo Testamento) e de Jesus Cristo (Novo Testamento) por numerosos povos. Com efeito, afirma nosso autor, diversas foram as terras, gregas e bárbaras, que tendo suas próprias leis, converteram-se aos ensinamentos de Moisés e de Cristo, tornando-se seus discípulos.[10]

A expansão do evangelho por "todo o mundo" foi fato extraordinário, pondera Orígenes: "Que se pense sobre a vinda dos apóstolos a todos os lugares, daqueles que foram enviados por Jesus para anunciar o Evangelho, e se verá que a audácia deles era sobre-humana e que era Deus que os dirigia".[11]

A inspiração divina da Sagrada Escritura confere-lhe uma dimensão mistérica. Por isso, Orígenes usa com frequência expressões como "debaixo de um véu", "mistérios inefáveis", "mistério oculto", "realidades místicas", "sentido profundo", "realidades inteligíveis", "significados místicos", "planos espirituais", "economias místicas" para nomear o carácter inspirado do texto bíblico.[12] Parafraseando São Paulo, diz que: "o tesouro dos significados divinos está contido dentro do vaso frágil da letra vulgar",[13] ou seja, o texto tal como está dado é um revestimento, uma porta de acesso ao verdadeiro sentido da Escritura, inspirada por Deus.

Henri De Lubac observa que "a Bíblia está repleta de mistérios: Orígenes o recorda ao longo de seus comentários e homilias. Na história sagrada tudo acontecia *no mistério*. Tudo o que foi escrito é mistério [...] O texto sagrado, portanto, deve ser *escutado* com a máxima atenção".[14] Segundo Manlio Simonetti, juntamente com Filon e Clemente de Alexandria, Orígenes considerava o texto sagrado obscuro, repleto de mistérios,

10 ORÍGENES. Tratado sobre os princípios IV,1,1. *Tratado sobre os princípios*. Tradução de João Eduardo Pinto Basto Lupi. São Paulo: Paulus, 2012. p. 284.

11 ORÍGENES, 2012, IV, 1, 5. Orígenes usa a imagem do perfume derramado para expressar a abrangência do nome de Cristo que se difundiu por toda a terra: "*Teu nome é perfume difuso* (Ct 1,3). Como o perfume que é efuso difunde seu odor para longe, assim o nome de Cristo se difundiu. Por toda a terra o Cristo é celebrado; por todo o mundo o meu Senhor é anunciado; pois perfume difuso é o nome dele". (ORÍGENES. Homilias sobre o Cântico dos Cânticos I, 4. *Homilias sobre o Cântico dos Cânticos*. Tradução, introdução e notas de Heres Drian de O. Freitas; João E. P. B. Lupi. São Paulo: Paulus, 2018. p. 34).

12 ORÍGENES, 2012, IV, 1, 6; 2, 1-2.7-9.

13 ORÍGENES, 2012, IV, 3, 14.

14 DE LUBAC, Henri. *Storia e spirito:* la comprensione della Scrittura secondo Origene. Roma: Paoline, 1971. p. 135.

de difícil acesso e compreensão. Essa postura requeria do leitor ou do ouvinte exercício e preparo para assimilar bem o texto sagrado.[15]

Porém, a Sagrada Escritura não é um livro hermético cujos sentidos permanecem absolutamente enclausurados. Para Orígenes esse mistério é comunicado àquele que se deixa guiar pelo Espírito Santo, o inspirador de toda Escritura e pelo Cristo, Verbo e Sabedoria do Pai. Nesse sentido, observa Alina Monteiro que pela exegese alegórica é possível penetrar as Sagradas Escrituras e

> *alcançar o sentido último visado pelo Espírito Santo e velado pelo mesmo Espírito. Tudo está oculto e cifrado. O mistério não é a exceção, é a regra geral. O desvelamento é gradual e deve ser feito de uma maneira* digna de Deus*. É a Revelação dos desígnios divinos enquanto revelação da Palavra de Deus, dos desígnios mediados pelo Seu próprio Filho ali encarnado".*[16]

A hermenêutica bíblica dos Padres da Igreja, e Orígenes não é exceção, é marcadamente cristológica. Com isso, se enuncia que a Lei e os Profetas (Antigo Testamento) são iluminados pelo Cristo, o Verbo do Pai, que habitou na humanidade: "E a luz que se contém na Lei de Moisés, antes escondida debaixo de um véu, brilhou com a vinda de Jesus, que afastou o véu e deu a conhecer pouco a pouco os bens cuja sombra possuía".[17]

Nos passos de São Paulo, Orígenes acentua a missão reveladora do Cristo: por seu intermédio o mistério, escondido desde a eternidade, foi manifestado aos homens.[18] (cf. Rm 16, 25-27; 2Tm 1,10). Observa Manlio Simonetti que "a Escritura é revelação de Cristo: Cristo mesmo, enquanto *Logos*, é palavra de Deus, neste sentido não é arbitrário afirmar que para Orígenes Cristo e a Escritura identificam-se: a Escritura é a perene encarnação do Logos".[19] E, também, conforme elucida Henri Crouzel:

> *Falando em termos precisos, o cristianismo não é uma religião do livro. O livro é secundário. A revelação é, antes de tudo, uma pessoa: Cristo.*

---

15 SIMONETTI, Manlio. Scrittura Sacra. In: *Origene: Dizionario: la cultura, il pensiero, le opere*. Roma: Città Nuova, 2000. p. 427.

16 MONTEIRO, Alina Torres. *Os sentidos espirituais no Comentário ao Cântico dos Cânticos de Orígenes*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2004. p. 28.

17 ORÍGENES, 2012, IV, 1, 7.

18 ORÍGENES, 2012, IV, 1, 7.

19 SIMONETTI, 2000, 424.

> *Segundo os escritos joaninos, ele é o Verbo, a Palavra de Deus. É Deus falando aos homens, Deus revelando-se. É a Palavra criadora por quem tudo foi criado, em quem está a Vida e a Luz. A Palavra que veio ensinar aos homens e com esse fim fez-se carne. É também a Palavra de Vida que os apóstolos viram com seus próprios olhos, ouviram com seus ouvidos, tocaram com suas mãos. A Palavra fez-se homem para apresentar sua mensagem numa pessoa humana, em atos e gestos humanos: com efeito, toda a vida do Verbo encarnado é Palavra.*[20]

A partir da revelação do Cristo, a leitura da Sagrada Escritura, em especial dos Evangelhos, é iluminada pelo mesmo Cristo e pelo Espírito Santo, seu inspirador.[21] Toda Escritura, isto é, o Evangelho, os escritos apostólicos, a Lei e os Profetas, foi inspirada pelo Espírito Santo. Conforme lemos: "Acreditamos que não é possível falar do Filho de Deus de maneira mais evidente e mais divina e dela dar conhecimento aos homens a não ser somente por meio da sua Escritura, inspirada pelo Espírito Santo".[22]

Essas afirmações visam esclarecer determinadas controvérsias surgidas nas comunidades cristãs. A primeira delas refere-se aos judeus: "por causa da dureza de coração e da pouca inteligência, não acreditaram em nosso Salvador, porque seguem à letra as profecias que se referem a ele".[23] Para o povo de Israel a vinda do Messias marcaria um tempo

---

20 CROUZEL, Henri. *Orígenes:* un teólogo controvertido. Tradução de Monjas Beneditinas da Abadia Santa Escolástica de Victoria. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1998. p. 101.

21 ORÍGENES, 2012, IV, 2, 3. Orígenes no Prefácio ao *Tratado sobre os princípios* sublinha o carácter inspirado da Escritura: "[...] as Escrituras foram redigidas pelo Espírito Divino, e não têm apenas um sentido aparente, mas também um outro que está implícito e que a maior parte não percebe. O que está na letra é figura de certos mistérios, e imagem das realidades divinas. Nesse ponto, toda a Igreja é unânime: sem dúvida, toda Lei é espiritual, porém nem todos conhecem o que a Lei significa espiritualmente, mas só aqueles que recebem o dom da graça do Espírito Santo *na palavra da sabedoria e do conhecimento* (1Cor 12,8). (ORÍGENES. ORÍGENES, 2012, Prefácio 8).

22 ORÍGENES, 2012, I, 3, 1.

23 ORÍGENES, 2012, IV, 2, 1. No *Contra Celso* esse argumento aparece nestes termos: "Não vivemos como os judeus, pois pensamos que o sentido da legislação ultrapassa a interpretação literal das leis. E dizemos: *Todas as vezes que Moisés é lido, um véu se estende sobre o coração deles*, pois a intenção da lei de Moisés está oculta para aqueles que não abraçaram com ardor o caminho indicado por Jesus Cristo. Sabemos que, *quando alguém se converte para o Senhor – e o Senhor é o Espírito – o véu cai*; a pessoa reflete por assim dizer como num espelho *de rosto descoberto a glória do Senhor* que está nos pensamentos ocultos sob a letra, e participa-se para sua própria glória daquilo que chamamos glória divina (cf. 2Cor 3,15-18). A palavra *rosto*, empregada em sentido figurado, é simplesmente o que se poderia chamar de entendimento, e tal é o rosto *segundo o homem interior* (Rm 7, 22), cheio de luz e glória pela verdade contida nestas leis". (ORÍGENES, Contra Celso V, 60. *Contra*

de reconciliação e de paz no qual até os elementos da criação participariam desse novo tempo messiânico.[24] Mas, "não tendo eles (os judeus) visto nada disso se realizar materialmente, quando veio aquele Cristo no qual nós acreditamos, não aceitaram Nosso Senhor Jesus Cristo, mas crucificaram-no por ele indevidamente afirmar que era o Cristo".[25]

Seguindo a regra de fé recebida dos apóstolos, Orígenes considera que a Escritura deve ser liga integralmente: "Esse Deus justo e bom, Pai do Nosso Senhor Jesus Cristo, nos deu a Lei, os Profetas e os Evangelhos, ele que é o Deus tanto dos apóstolos como do Antigo e do Novo Testamento".[26] Ademais, ele observa que o erro desses grupos consistia em interpretar a Escritura apenas segundo a letra, e não no seu sentido espiritual.

3 Os sentidos da Escritura: um caminho de conhecimento da Palavra

O tríplice método de ler a Escritura visa solucionar essas controvérsias. Orígenes parte do texto sapiencial para fundamentar esse caminho: "E tu, inscreve estas coisas três vezes na consciência e no conhecimento, para que possas responder com palavras verdadeiras às perguntas que te fizerem" (Pr 22,20-21). Ao que comenta Orígenes:

> *É preciso, portanto, inscrever três vezes na própria alma os pensamentos das Escrituras santas: quem é mais simples a fim de que seja edificado pelo que é como que a carne da Escritura – assim chamamos o sentido imediato; o que ascendeu um pouco que o seja pelo que é como que a*

Celso. Tradução de Orlando dos Reis. Introdução e notas de Roque Frangiotti. São Paulo: Paulus, 2004. p. 443).

24 Nesse sentido, Orígenes cita o texto do profeta Isaías: "Pensaram também que, conforme a profecia, um lobo, animal quadrúpede, iria pastar com o cordeiro, e uma pantera descansaria ao lado de um cabrito; que um bezerro, um touro e um leão deviam pastar juntos e ser conduzidos por um menino; que um boi e um urso deviam pastar juntos e suas crias serem criadas umas com as outras, que um leão comeria palha como um boi." (ORÍGENES, 2012, IV, 2, 1).

25 ORÍGENES, 2012, IV, 2, 1.

26 ORÍGENES, 2012, Prefácio 4. Há um esforço da parte de Orígenes em refutar as posições de Basílides,Valentino e Marcião conforme nota Bento Santos. "Os três heresiarcas opõem o Antigo e o Novo Testamento: de um lado, o Antigo apresentaria o Deus vingador e iroso, o Senhor deste mundo; de outro lado, o Novo mostra um Deus benévolo e Pai de Jesus, que salva livremente e por amor. Contra tal radicalização, toda a exegese alegórica de Orígenes insistirá na continuidade de ambos os Testamentos no sentido de que o Novo Testamento ilumina o Antigo e que o Novo, por sua vez não revela toda a sua profundidade senão à luz do Antigo". (ORÍGENES, 2012, 28).

> *alma; mas o perfeito, o seja pela lei espiritual, que contém uma sombra dos bens que hão de vir, semelhante àquele do qual diz o Apóstolo:* Falamos da sabedoria entre os perfeitos, não daquela sabedoria deste mundo nem dos príncipes deste século que são destruídos, mas falamos da sabedoria de Deus escondida no mistério, que Deus predestinou antes de todos os séculos para a nossa glória *(1Cor 2,6-7)*.[27]

O método tríplice da leitura da Escritura comporta na teologia origeniana uma dimensão antropológica, dada pela seguinte passagem paulina: "[...] que Deus vos santifique o espírito, a alma, o corpo. Que ele vos santifique todo inteiro e que todo o vosso ser, – o espírito, a alma, o corpo – seja guardado sem mácula para a parusia de nosso Senhor Jesus Cristo" (1Ts 5,23). A partir desse texto Orígenes afirma: "Assim como o homem é composto de corpo, de alma e de espírito, assim é a Escritura que, na sua Providência, Deus deu para a salvação dos homens".[28]

Assim como o ser humano é um corpo, o texto sagrado também é um corpo que pode ser apreciado, observado e tocado. O carácter histórico-literário da Escritura enquadra-se nessa perspectiva. O ser humano é, também, dotado de uma alma na qual reside uma parte que é capaz de deliberar entre o bem e o mal. A leitura e a meditação da Escritura desperta no leitor o desejo de conversão, por isso, ela possui um elemento de ordem moral ou tropológica. O ser humano também é espírito o que estabelece, segundo Orígenes, sua capacidade em participar da vida divina. O fim da Escritura é a contemplação de Deus e das coisas divinas. Ela é, portanto, dotada de um sentido espiritual ou místico.

A propósito dessa adaptabilidade da Palavra de Deus observa Henri De Lubac: "Compreendemos que o Logos – que não difere da Sabedoria – tornando-se alimento para os homens, adapta-se à sua idade, à sua força, à sua santidade espiritual [...] Depois de um primeiro mistério, revelado aos iniciantes, outros, mais profundos, podem ser revelados aos mais avançados".[29]

No horizonte do progresso espiritual, os crentes, desde os mais simples aos mais avançados no caminho da vida cristã, podem haurir com proveito dessa fonte inesgotável que é a Palavra de Deus. Isso é importante ser ressaltado pois o gnosticismo, que Orígenes bem conhecia,

---

27 ORÍGENES, 2012, IV, 1, 4.

28 ORÍGENES, 2012, IV, 1,4.

29 DE LUBAC, 1971, 207.

apregoava que o conhecimento das realidades divinas era dado somente a alguns eleitos. Para o mestre alexandrino o crente, pelo progresso espiritual, pode crescer no amor e no conhecimento de Deus.

Passemos a considerar então cada um dos sentidos da Escritura. O sentido literal indica a materialidade do texto prévia a qualquer interpretação. A formação clássica que Orígenes recebera do pai e dos *gramáticos* da época capacitou-o à leitura atenta e rigorosa do texto bíblico. A obra mais significativa, nesse sentido, foi a *Héxaplas*. Nela Orígenes revela-se um verdadeiro "arqueólogo das palavras".[30] Em seus comentários e homilias ele, comumente, trabalha o sentido literal do texto. Todos os recursos da ciência de sua época concorriam para a apreciação do sentido literal: explicações de ordem histórica, geográfica, filosófica, médica, gramatical e inclusive fatos de história natural.[31]

A abordagem filológica é, efetivamente, a grande contribuição dada por Orígenes à exegese bíblica cristã. Não havia até o momento, inclusive da parte de exegetas da envergadura de Hipólito e Irineu, uma abordagem filológica da Escritura, como já ocorria com os textos sagrados do judaísmo ou com os textos da filosofia grega.[32]

Conforme mencionado, o sentido literal da Escritura é também chamado carnal ou corpóreo. Para Orígenes os judeus e parte dos cristãos ainda estão sob o véu, letra ou carne da Escritura, e cita o Apóstolo que diz: "*Mas é de Deus que vem nossa capacidade. Foi ele quem nos tornou aptos para sermos ministros de uma aliança nova, não da terra, e sim do Espírito, pois a letra mata, mas o Espírito comunica a vida*

30 Conforme enunciação de Claudio Moreschini: "Orígenes usava a versão grega do Antigo Testamento adotada pelas igrejas cristãs, a Septuaginta; mas dava-se conta muito bem dos problemas que ela apresentava. Ele sabia que a Septuaginta continha, em relação ao original hebraico, divergências que não se podem atribuir a erros de cópia, e as atribuía, hipoteticamente, a um original hebraico diferente do conhecido em seu tempo, ou a opções deliberadas dos tradutores. Quanto ao problema apresentado pelas variantes nos manuscritos da Septuaginta, adotou o princípio de preferir as que correspondessem ao hebraico. Mas não conhecia suficientemente o hebraico para efetuar uma verificação independente. Criou, então, um instrumento de trabalho: uma edição do Antigo Testamento em colunas, a primeira das quais continha – subdividida em brevíssimos *cola* de uma ou poucas palavras – uma transliteração do texto hebraico em caracteres gregos, e as sucessivas traduções de cada *colon* nas versões gregas que pôde encontrar. Naturalmente, fez o enorme trabalho material ser realizado por copistas e colaboradores, reservando-se a supervisão, e decerto cuidando principalmente do texto da Septuaginta. (MORESCHINI, Claudio; NORELLI, Enrico. *História da literatura cristã antiga grega e latina [I]:* de Paulo à era constantiniana. São Paulo: Loyola, 1996. p. 377-378).

31 CROUZEL, 1998, 90.

32 SIMONETTI, 2000, 92.

(2Cor 3,5-6), ele (Paulo) chamou de interpretação sensível das divinas escrituras a letra, e o espírito de interpretação inteligível".[33]

O sentido moral ou tropológico da Escritura está relacionado à vida virtuosa que o crente é chamado a viver neste mundo. A Escritura, no itinerário espiritual, tem uma função terapêutica. A Palavra de Deus "é como um médico que utiliza os meios terapêuticos mais variados, mas, sempre adequado aos enfermos. Esta variedade de tratamento é possível porque a Palavra de Deus possui todas as virtudes terapêuticas".[34] O conhecimento de si é fundamental nessa etapa do progresso espiritual, pois o leitor coloca suas afecções e desejos em confronto com a Palavra de Deus. Esse tema é tratado com profundidade no Comentário ao Cântico dos Cânticos II, 5,1-40.

No sentido espiritual ou místico, o crente estando adiantado na busca de Deus é capaz, pela ação da graça divina e pelo despertar dos sentidos espirituais, de retirar o véu que repousava em sua mente e em seu coração:

> *[...] pois enquanto não nos convertem0os à compreensão espiritual,* um véu repousa sobre o nosso coração*; e esse véu, quer dizer, uma compreensão grosseira, esconde a Escritura [...] é o véu que devia estar sobre o rosto de Moisés quando ele falava ao povo, quer dizer, quando a lei era lida em público (cf. Ex 34,35). Mas,* se nós nos voltamos para o Senhor*, lá onde está também o Verbo de Deus, e onde o Espírito Santo revela o conhecimento espiritual, então* o véu será retirado *e contemplaremos com o rosto descoberto* a glória do Senhor *(2Cor 3,18), nas Santas Escrituras.*[35]

Porém, a apreensão das realidades místéricas é inesgotável, permanecendo sempre algo que escapa ao contemplante. A experiência mística, situada nos umbrais da escatologia, assemelha-se à busca amorosa dos amantes do Cântico dos Cânticos.

> *Então, a esposa vê o esposo, que, visto, retira-se. E frequentemente ele faz isso em todo o Cântico; o que não pode ser compreendido senão por aquele mesmo que experimentou isso. Muitas vezes, Deus é testemunha, vi o esposo*

[33] ORÍGENES, 2004, VI, 70. ORÍGENES, 2012, IV, 2, 8. ORÍGENES, 2018, IV, 1, 2. A leitura da Escritura em seu sentido literal e espiritual não é uma novidade de Orígenes. O mestre Alexandrino apoia-se no texto paulino: "Mas seus espíritos se obscureceram. Sim; até hoje quando leem o Antigo Testamento, este mesmo véu permanece. Não é retirado, porque é em Cristo que ele desaparece" (2 Cor 3,14); e, também: "Estes realizam um culto que é cópia e sombra das realidades celestes... (Hb 8,5).

[34] FERNÁNDEZ, Samuel. *Cristo médico, según Orígenes:* la actividad médica como metáfora de la acción divina. Roma: Institutum Patristicum Augustinianum, 1999. p. 272.

[35] ORÍGENES, 2012, I, 1, 2.

aproximar-se de mim e estar comigo o quanto possível; [mas] ele repentinamente se retirava [e] eu não podia encontrar aquele que eu buscava. De novo, portanto, desejo sua chegada, e às vezes ele vem novamente. Mas depois que apareceu e eu o contive entre minhas mãos, de novo ele escapa e, tendo escapado, novamente é buscado por mim. E isso ele faz frequentemente, até que eu o tenha verdadeiramente e me eleve apoiada sobre o meu amado *(Ct 8,5).*[36]

Conclusão

A Palavra de Deus ocupa um lugar central na vida de Orígenes de Alexandria. Sua vasta produção acerca dos livros da Sagrada Escritura confirma seu amor, sua dedicação e paixão. No contexto dos Padres da Igreja, Orígenes faz uso da erudição clássica, em especial, da abordagem filológica para adentrar no sentido do texto sagrado, sendo, por isso, considerado o primeiro grande exegeta cristão.

Essa relação com a Sagrada Escritura está situada no testemunho de vida cristã vivenciado por Orígenes. Situado na Igreja dos mártires, ele percebeu que seu testemunho cristão poderia ser expresso pelo estudo da Palavra de Deus. Um estudo, por vez, conciliado à catequese, à pregação e ao labor pastoral. Ele era capaz de alçar grandes voos ao estudar a Palavra e, ao mesmo tempo, de traduzi-la numa linguagem compreensível aos mais simples da comunidade.

A Sagrada Escritura é, portanto, uma dimensão fundamental no itinerário espiritual origeniano. Esse itinerário, que supõe o encontro com a Palavra, requer a abertura do ser humano em sua totalidade. Para Orígenes, a pessoa humana é capaz de acolher a Palavra de Deus em sua vida, pois Ela adequa-se à sua capacidade receptiva. Nesse sentido, a tríplice via de leitura da Escritura são mediações do encontro com o Verbo de Deus, Revelador por excelência do Pai.

Com o Concílio Vaticano II foi incentivado o retorno às fontes cristãs, em específico, à Sagrada Escritura e aos Padres da Igreja. Orígenes representa para o cristianismo primitivo o intento de conciliar o estudo exegético do texto bíblico, sua vivência e sua transmissão pastoral. Ao olhar para o labor teológico e pastoral do mestre alexandrino abre-se ao teólogo o convite a um fazer teológico cada vez mais integrado, marcado pela tônica sapiencial, tão presente na elaboração teológica de nossos primeiros pais.

[36] ORÍGENES, 2018, I, 7.

Referências

A BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

CROUZEL, Henri. *Orígenes:* un teólogo controvertido. Tradução de Monjas Beneditinas da Abadia Santa Escolástica de Victoria. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1998.

DE LUBAC, Henri. *Storia e spirito:* la comprensione della Scrittura secondo Origene. Roma: Paoline, 1971.

EUSÉBIO DE CESAREIA. *História Eclesiástica.* Tradução de Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000.

FERNÁNDEZ, Samuel. *Cristo médico, según Orígenes:* la actividad médica como metáfora de la acción divina. Roma: Institutum Patristicum Augustinianum, 1999 (Studia Ephemeridis Augustinianum 64).

JAEGER, Werner. *Cristianismo primitivo e paideia grega.* Tradução de Daniel da Costa. Santo André: Academia Cristã, 2014.

MONTEIRO, Alina Torres. Lisboa: Universidade. *Os sentidos espirituais no Comentário ao Cântico dos Cânticos de Orígenes*. Católica Editora, 2004. (Fundamenta, 24).

MORESCHINI, Claudio; NORELLI, Enrico. *História da literatura cristã antiga grega e latina (I):* de Paulo à era constantiniana. São Paulo: Loyola, 1996.

ORÍGENES. *Comentario al cantar de los cantares.* Traducción de Manlio Simonetti; Argiminio Velasco Delgado. España: Ciudad Nueva, 1994.

_____. *Contra Celso.* Tradução de Orlando dos Reis. Introdução e notas de Roque Frangiotti. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. *Tratado sobre os princípios.* Tradução de João Eduardo Pinto Basto Lupi. São Paulo: Paulus, 2012.

_____. *Homilias e Comentário ao Cântico dos Cânticos.* Tradução, introdução e notas de Heres Drian de O. Freitas; João E. P. B. Lupi. São Paulo: Paulus, 2018.

SIMONETTI, Manlio. Scrittura Sacra. In: *Origene: Dizionario: la cultura, il pensiero, le opere*. Roma: Città Nuova, 2000.